

**JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO**

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

# Juventudes: culturas juvenis e cibercultura

Juliana Batista dos Reis  
Shirlei Rezende Sales

FINO TRACO  
**FT**  
EDITORA





Copyright © 2021, Programa Observatório da Juventude - FaE/UFMG

Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

**Série de Cadernos Temáticos**  
**“Juventude brasileira e educação”**

**Juventudes: culturas juvenis e cibercultura**

**Autoras:**

Juliana Batista dos Reis

Shirlei Rezende Sales

**Organização:**

Álida Leal, Brésicia Nonato,

Licinia Correa e Symbaira Nonato

**Capa e projeto gráfico:**

Carol D'Alessandro

**Diagramação:**

Editora Fino Traço

**Cadernos da série**

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R375j

Reis, Juliana Batista dos

Juventudes: culturas juvenis e cibercultura / Juliana Batista dos Reis, Shirlei Rezende Sales. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-501-2

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Jovens. 4. Culturas juvenis. 5. Cibercultura.

I. Sales, Shirlei Rezende. II. Título.

2021-3652

CDD 370

CDU 37

Juliana Reis<sup>1</sup>  
Shirlei Sales<sup>2</sup>

# Juventudes: culturas juvenis e cibercultura

---

1. Juliana Batista dos Reis - Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação da mesma faculdade. Graduada e mestra em Ciências Sociais. Doutora em Educação. Integra a coordenação do Observatório da Juventude da UFMG.

2. Shirlei Rezende Sales - Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign (UIUC), USA. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação. Integra a coordenação do Observatório da Juventude da UFMG.



## **Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes<sup>3</sup>. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

---

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**



Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

**Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!**

*Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato*

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.





### Iniciando o giro do caleidoscópio

Caro/a colega leitor/a,

Neste Caderno, vamos refletir sobre múltiplas práticas denominadas **culturas juvenis** e as experiências das/os jovens com as **tecnologias digitais e online**. No Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo” refletimos a respeito do conceito de juventude. Afinal, são muitas as imagens em torno da ideia de juventude: uma fase da vida, uma determinada faixa etária, um jeito de ser. Nossa Série, com sua multiplicidade de temas, destaca que há dificuldade em definir esta categoria, pois, a juventude se constrói ao mesmo tempo, em variadas condições sociais e em diferentes tipos de representações. Vimos a importância de estarmos atentas/os às plurais condições da vida juvenil. Por isso, dentre tantas dimensões que

compõem a juventude contemporânea, este Caderno busca refletir as atuais culturas e expressões juvenis, bem como as relações dos/as jovens com as tecnologias digitais, principalmente as redes sociais *online* e outras plataformas na internet.

As/os jovens com quem você convive participam de grupos culturais? Elas/es se expressam por meio de elementos artísticos, musicais, estéticos, esportivos? Como as/os jovens que você conhece lidam com as tecnologias digitais? Você se comunica com elas/es por meio de redes *online*? Se você é educador/a, é muito provável que a escola ou outros espaços em que trabalha tenha algum grupo no Facebook ou WhatsApp, um vídeo no YouTube, perfis no Instagram ou TikTok com intensa participação juvenil. Diante deste cenário, questionamos: afinal, como se constroem os sujeitos e suas relações de amizade, trabalho e escolarização perpassados pelo contexto contemporâneo de intensa vivência com as tecnologias *online*? Convidamos você para refletir conosco a respeito dessas e de outras questões referentes ao tema!



## As Culturas Juvenis

Alguns símbolos, marcas e performances, formas e atitudes de expressão podem evidenciar mais fortemente expressões da vida das/os jovens. Muitos corpos juvenis utilizam-se de brincos, piercings, pulseiras, bonés, colares, roupas estilizadas, calças largas ou justas, tatuagens, cabelos coloridos e cortes variados. E os celulares, fones de ouvido, tablets, notebooks, dentre outros aparelhos eletrônicos que, geralmente, estão com eles/as? “*Isso é coisa de jovem!*” não é raro escutar essa frase quando alguma/um adulta/o usa artefatos considerados socialmente como próprios das gerações mais jovens.

Nos espaços onde você circula, consegue perceber expressões e performances das culturas juvenis? Quais seriam elas? Há uma multiplicidade de experiências juvenis caracterizadas por linguagens performativas, corporais, movimentos artísticos, musicais, práticas na internet que, algumas vezes, nós como educadoras/es desconhecemos ou ignoramos. Você já percebeu, por exemplo, como a música é um importante traço para grupos e estilos juvenis? Rock, sertanejo, samba, hip-hop, pagode, funk, forró, dentre tantos outros ritmos musicais orientam a construção de algumas identidades e estilos juvenis. Variadas modalidades esportivas, de dança, saraus de poesias, grafites e pichações, revelam também as sensibilidades performativas das

culturas juvenis. Marília Sposito, uma importante pesquisadora da juventude no Brasil, analisa e salienta que esses mediadores são símbolos que permeiam a construção de múltiplas identidades e culturas juvenis. Por isso, as/os jovens não fazem parte de uma cultura juvenil unitária.



### **Outros ângulos, cores e formas**

No vídeo “*We all want to be young*” (Todos nós queremos ser jovens) podemos acompanhar imagens das juventudes em diferentes tempos históricos e contextos. Talvez você se lembre de algum artefato, objeto, roupa que tenha sido significativo em sua experiência como jovem. Nesse recurso audiovisual é possível captar a construção de referências do imaginário social a respeito dos significados da juventude desde a década de 1940 até a contemporaneidade.

Produção: Box1824. Roteiro e direção: Lena Maciel, Lucas Liedke e Rony Rodrigues (2011). Disponível em: <[vimeo.com/16641689](https://vimeo.com/16641689)> Acesso em: 24 mai. 2021.

Às vezes, os grupos que se formam em função desses elementos identitários são definidos como “tribos”. Mas consideramos mais adequado usar outro conceito: **culturas juve-**

nis. Ou seja, práticas que possibilitam a demarcação de identidades entre as/os jovens, diferenciando-as/os das crianças e das/os adultas/os e, ainda, expressando adesão a um determinado estilo. Os grupos podem ser espaços juvenis de amizade, cumplicidade, partilha, mas também podem envolver conflitos, embates, dissensos. E, geralmente, esses grupos compartilham sentimentos de pertencimento e afirmação coletiva, com o entrelaçamento das dimensões afetiva, simbólica e estética.



### **Focalizando imagens**

Para uma discussão do uso da expressão “tribos urbanas” veja o texto do antropólogo José Guilherme Magnani: “Tribos urbanas: metáfora ou categoria?”

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40303>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

Para seguir, vamos refletir a respeito do conceito de cultura, pois ele é necessário para melhor entendermos a ideia de culturas juvenis. Cultura é um conceito polissêmico pois esse termo tem diferentes significados. Do ponto de vista das ciências sociais uma das definições de cultura remete às variadas criações humanas, compartilhadas por determinados grupos. Por isso, usamos

algumas expressões como “cultura religiosa”, “cultura esportiva”, “cultura alimentar”, etc. Ou seja, ideias, valores, crenças, manifestações artísticas, conhecimento científico e popular, gostos, modos de vestir, falar, comunicar são elementos produzidos na e pela cultura. Desse ponto de vista é inconcebível que alguém “não tenha cultura”. Entretanto, não é raro escutarmos afirmações como “Funk não é cultura!” ou “Ele/a não tem cultura!”. Tais declarações menosprezam as produções culturais juvenis, desvalorizam a cultura produzida por determinados grupos sociais e impossibilitam compreender as/os jovens como sujeitos e agentes produtores de culturas.

As culturas juvenis constituem os territórios das cidades. Ao serem apropriados por certos grupos sociais, espaços como um bar, uma praça, uma quadra esportiva, uma feira, um campo de futebol e outros variados espaços passam a ter significados para esses sujeitos, que os convertem em seu território. Diferentes áreas de uma cidade ou de uma zona rural podem ser apropriadas simbolicamente por grupos sociais em variadas escalas espaciais e temporais. É comum que grupos que se identificam com determinado estilo cultural elejam um determinado espaço da cidade para se reunir periodicamente, por exemplo. O sociólogo português José Machado Pais (2003) afirma que a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil, pois os espaços físicos

são transformados em espaços sociais. No Caderno “Juventudes e Territórios” é possível acompanhar outras reflexões sobre as múltiplas apropriações e circulações juvenis em territórios urbanos e rurais. A própria internet pode ser espaço de reconhecimento de territórios juvenis de produção cultural visto que tantas vezes tais experiências são compartilhadas com recursos audiovisuais nas redes sociais digitais. Em sua cidade, você conhece ruas, esquinas, praças que são apropriados pelas/os jovens para encontros e expressão de culturas juvenis? Quais são eles?



### **Outros ângulos, cores e formas**

Algumas experiências de culturas juvenis no ciberespaço: veja dois grupos culturais juvenis com expressões artísticas na Internet.

Seria importante conhecermos um grupo de jovens indígenas que produz músicas sobre suas vivências a partir da linguagem do rap. A internet é espaço importante para sua divulgação: “O primeiro grupo de rap indígena do Brasil o “Brô MC’s” visa, com suas rimas que mesclam o Português com o idioma Guarani, amplificar suas músicas por meio das redes sociais e aproximar os não-índios para os assuntos,

lutas, anseios, conquistas e vitórias dos povos indígenas de todo o Brasil. Os integrantes do Brô MC`s vivem na Aldeia Jaguapirú Bororó em Dourados - MS.”

Disponível em: <<https://www.facebook.com/BroMcsRap/>>. Acesso em: 24 mai. 2021



Imagem de Bro MC's – Fonte: <<https://www.instagram.com/bromcsoficial>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

“Afolíricas” é uma coletiva formada por três jovens negras, poetas marginais e artistas independentes de Belo Horizonte/ MG. O trio nasce com um desejo transformador, e de MULTIPLICAÇÃO dos movimentos periféricos artísticos.

Pela democratização da palavra falada, da poesia e da arte como engajamento, africanidades, escritivências, empoderamento feminino e lugar de se repensar iden-

tidades. Veja mais em: <<https://www.instagram.com/afroliricas/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

As relações de gênero e sexualidade, as identidades étnico-raciais, os pertencimentos territoriais também se entrelaçam à produção das culturas juvenis. Compartilhamos acima dois grupos juvenis que produzem suas experiências culturais com aguçada reflexão, criatividade e combatividade decorrentes de processos de enfrentamento principalmente do racismo e do machismo. As músicas e poesias de “Bro Mc’s” e de “Afrolíricas” mencionam os estigmas, as desigualdades sexuais e de gênero, territoriais, as violências frequentes, mas também expressam suas fortes marcas identitárias e de afirmação como jovens indígenas e jovens negras. Sugerimos que você leia os Cadernos “Juventudes e relações de gênero”, “Juventudes, sexualidades e diversidades” e “Juventudes e relações étnico-raciais” para adensar sua percepção sobre a pluralidade de marcadores sociais da diferença que constituem as experiências juvenis.

Contudo, não é raro perceber que algumas práticas culturais juvenis são criminalizadas pela sociedade e mesmo pelo Estado. Manifestações culturais da juventude negra e periférica como os bailes funks, por exemplo, são comumente vistas como inadequadas, associadas ao tráfico de drogas e são alvos de violência policial. Em 2019, nove jovens, oito rapazes e uma moça,

foram mortos/a durante ação da polícia militar em um baile funk na comunidade de Paraisópolis, na capital paulista. O episódio revela, entre outros problemas, a criminalização de práticas culturais, especialmente vividas por jovens das periferias urbanas.



### **Focalizando imagens**

O professor e pesquisador Juarez Dayrell, em seu livro “A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude” (2005), apresenta jovens pobres e negros da periferia de Belo Horizonte que constroem suas identidades tendo o estilo musical como experiência criativa de afirmação e reconhecimento. A professora e pesquisadora Wivian Weller, em seu livro “Minha voz é tudo o que eu tenho: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo” (2011), reflete sobre as experiências de jovens pertencentes a grupos musicais entremeadas às relações geracionais, étnico raciais e de gênero. Vamos conhecer esses livros?

## **Culturas juvenis no ciberespaço**

Como já tivemos pistas até aqui, uma das marcas constitutivas das juventudes é a vivência das práticas ciberculturais. As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes em nosso



cotidiano e, embora não sejam exclusividade das gerações mais novas, as juventudes têm aderido a elas de modo intenso, em uma espécie de composição amalgamada, ou seja, misturada, embaralhada. Observamos, também, em algumas produções acadêmicas e jornalísticas, que a expressão “nativas/os digitais” tem sido utilizada para sinalizar as gerações nascidas na era da internet. Assim, as/os “imigrantes digitais” seriam as/os mais velhas/os, aquelas/es que precisam se esforçar para se adaptarem ao ambiente digital. Outras expressões como ‘geração x, y e z’ indicam os grupos geracionais no universo digital. Geralmente se nomeia as pessoas nascidas entre os anos de 1980 e 1990 como pertencentes à geração x e y, respectivamente. Enquanto aqueles nascidos a partir dos anos 2000 como geração z.



### Focalizando imagens

Para entender melhor esses termos e conceitos, confira o seguinte artigo:

FERREIRA, Aline G.; SALES, Shirlei R. “Nativos digitais”, “geração internet”, “Homo zappiens”, “ciborgue”: juventude conectada às tecnologias digitais. *Textura*. v. 21. n. 47. jul./set. 2019. p. 32-53.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5093>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

Independente da sua idade, você costuma fazer pesquisas e buscar informações na internet? Seja a busca por uma receita culinária, sintomas de doenças, a localização de algum espaço? Você usa as redes *online* para conversar com amigas/os e familiares, paquerar, fazer compras, assistir vídeos, ouvir música, ler, etc.? Compreendemos que o uso constante das tecnologias digitais tem sido uma marca deste tempo presente, por vezes considerada uma verdadeira revolução por conta das inúmeras transformações que temos vivenciado. Assim, usamos o conceito de cibercultura ou cultura digital para identificar tais práticas na internet. Desse modo, observamos que as culturas juvenis estão também imersas na internet. As práticas culturais juvenis que destacamos anteriormente, como as atividades musicais, esportivas, artísticas estão fortemente presentes no amplo espaço da internet. Boa parte das práticas culturais juvenis está imersa na cultura digital. Seria uma cilada e uma incompreensão nossa não considerar a força constitutiva das tecnologias digitais nas existências juvenis.



### Focalizando imagens

Para entender melhor as composições das experiências juvenis com as tecnologias, confira os seguintes artigos. ;)

REIS, Juliana B.; DAYRELL, Juarez. Experiências juvenis contemporâneas: reflexões teóricas e metodológicas sobre socialização e individualização. *Educação*. Santa Maria. v. 45. 2020. p. 1-23.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/39944/pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SALES, Shirlei. #PotênciaCiborgue: notas para escapar de ciladas teóricas em análises sobre currículos e tecnologias digitais. In: AGUIAR Márcia A., MOREIRA, Antônio F. B., PACHECO, José A. (Org.). *Currículo: entre o comum e o singular. Série 7*. [Livro Eletrônico] Recife: ANPAE, 2018. p. 236-247.

Disponível em: <<https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/2-Coloquio/Serie7.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

“Dá um like!”, “Eu curti!”, “Deu match”, “Compartilha.”, “Me segue que sigo de volta”, “hashtag”, “shippar”, “Manda nudes!”, “stalkear”, “trollar”, “flopapar”... Essas são apenas algumas expressões usadas na internet, principalmente entre jovens. Caso você não conheça todas, um interessante exercício consiste em perguntar para as/os jovens de seu convívio os respectivos significados.

As vivências e relações nas redes sociais digitais fazem emergir um novo vocabulário bastante dinâmico. Além disso, os emoticons e emojis, ou seja, ícones com expressões faciais e outros símbolos (indicando sorriso, raiva, choro, afeto, surpresa, etc.) constituem algumas formas de comunicação digital e online. Perceba que, ao longo de nossa conversa, usamos alguns emojis como uma piscadela, ao usar esse símbolo ;-)



Fonte: Reprodução do padrão de emojis do whatsapp.

### Para entender melhor alguns termos:

**Ciberespaço:** Território que surge da interconexão mundial promovida pela internet, por meio de computadores, tablets, smartphones etc. Não se refere apenas à infraestrutura material da comunicação digital, mas também ao universo oceânico de informações

que ela abriga. É um espaço com existência tão real quanto qualquer outro.

**Cibercultura:** Conjunto de práticas, de atitudes, de significados, de símbolos, de modos de pensamento e de valores produzidos, experimentados e compartilhados no ciberespaço.

**Ciberativismo:** Ativismo e militância política que acontece no ciberespaço, utilizando os elementos da cibercultura.

**Fake news/notícias falsas:** Mentiras, notícias e informações falsas que deturpam e distorcem os fatos.

**Haters:** Pessoas que disseminam o ódio na internet.

**Cyberbullying:** bullying, xingamentos, acusações, linchamento virtual, cancelamentos produzidos e divulgados no ciberespaço.

**Bolhas algorítmicas ou Filtros bolhas:** Seleção dos conteúdos a serem disponibilizados às/aos usuárias/os da internet, por meio de inteligência artificial dos softwares. Cada navegação, cada clique gera “rastros digitais” que são organizados, produzindo filtros que direcionam as navegações futuras, com base nas informações dos perfis de uso. Isso leva à aproximação de usuárias/os com interesses semelhantes.

Nesse universo amplo em potencialidades destacam-se as redes sociais digitais e plataformas online. Diante de múltiplas

plataformas, meios e recursos de comunicação na web, são as chamadas redes sociais digitais as mais populares nas vivências cotidianas juvenis. *Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e TikTok* são as mais usadas na atualidade. Verificamos também um movimento de obsolescência das mídias digitais. Embora tão populares em outros tempos, alguns recursos deixaram de existir, como *Orkut, Myspace, Fotolog, Formspring, ICQ*.

Há uma dinâmica semelhante que opera nessas plataformas digitais em que as/os usuárias/os constroem e mantêm uma conta/perfil que se vincula a outras/os usuárias/os. O perfil é construído através de um procedimento de personalização naquele espaço onde se expõe suas preferências, vídeos, imagens e outros recursos. Através de ferramentas *online* as/os jovens costumam exibir atributos pessoais de suas vivências nos múltiplos espaços pelos quais circulam e publicam na rede, em constante e diária construção. A produção de recursos audiovisuais e a própria interação nas redes digitais também podem ser vistas como expressão e parte das culturas juvenis.

Quanto à internet, a psicóloga brasileira Ana Nicolaci da Costa (2005) a define como uma “nova plataforma de vida” já que muitas dinâmicas da nossa socialização familiar, profissional, escolar, afetiva, etc. são também constituídas em conexão *online*. Portanto, somos desafiadas/os a compreender as costuras entre

as experiências online e offline (ou face a face). E, atenção: **preferimos usar o par de conceitos on/offline ao invés de virtual e real já que esse último pode indicar a falsa ideia de que as vivências online não são concretas, tangíveis, verdadeiras. Ao contrário, a forma virtual também é real, é concreta.**

Especialmente para as/os jovens, práticas de sociabilidade como encontrar amigas/os, namoradas/os, acompanhar eventos e shows são cotidianamente vividas também no ciberespaço. Podemos citar ainda as práticas de estudo e pesquisa que utilizam o incomensurável acervo disponível na internet e localizável pelos buscadores digitais. Muitas/os jovens costumam acessar produções no YouTube com videoaulas sobre os mais variados conteúdos presentes no currículo escolar.



### **Focalizando imagens**

Com relação às novas formas de estudar, criadas pela juventude, confira a seguinte pesquisa:

SILVA, Marco Polo O. YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. 172 f.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-ADUKYJ>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

O exercício do ativismo político, ou ciberativismo, também tem sido largamente desenvolvido com o uso das plataformas eletrônicas. Dois grandes exemplos, com extensa repercussão, podem ser vistos na articulação contra a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república, com inúmeras práticas ciberculturais em torno da *#EleNão*. O mesmo pode ser observado na mobilização política *Somos 70% contra o fascismo*. As múltiplas formas de participação juvenil são melhor discutidas no Caderno “Juventudes e participação política”. Confere lá ;-)

Em 2020, com o advento da pandemia da COVID-19 e a imposição do distanciamento social, essas práticas foram exponencialmente ampliadas. O trabalho em casa (*home office*) e o ensino remoto intensificaram ainda mais o uso das plataformas digitais. As práticas de sociabilidade juvenil também tiveram que ser priorizadas no ciberespaço. Muitos encontros, festas, jogos e até namoros foram recriados de modo articulado com os elementos da cibercultura.

## **Dilemas e potencialidades das experiências online**

Por um lado, vemos nas tecnologias digitais uma gama extensa de múltiplas possibilidades. A internet oportunizou a formação e consolidação de diversas redes comunicativas. A localização geográfica deixou de impor limites às mais diversas conexões.



A temporalidade também foi encurtada e por vezes acelerada. A relação tempo-espaço foi, portanto, consubstancialmente alterada. Neste cenário, criando-o, recriando e sendo criadas e recriadas por ele, as juventudes têm protagonizado a ocupação do ciberespaço e ampliado as suas possibilidades.



### **Focalizando imagens**

Sobre as subjetividades juvenis compostas com a cibercultura, confira as seguintes pesquisas:

EVANGELISTA, Gislene R. #CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. 188f.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ARRJE6>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SALES, Shirlei R; Orkut.com.escol@currículos e ciborguização juvenil. Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/FAEC-8M4H42>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

Por outro lado, as desigualdades sociais e econômicas têm imposto injustas disparidades e assimetrias de acesso às tecno-

logias e às potencialidades elencadas. Estamos longe de oferecer uma equânime inclusão digital a todas/os as/os brasileiras/os, dentre elas/es, nossas/os jovens. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) realiza pesquisas relativas ao acesso e ao uso de tecnologias digitais no Brasil. Uma pesquisa realizada em 2019 revelou que o Brasil tem 134 milhões de usuárias/os de Internet, o que representa 74% da população com 10 anos ou mais. Contudo, apesar de haver um avanço significativo na proporção da população brasileira que usa a Internet, cerca de um quarto dos indivíduos (47 milhões de pessoas) seguem desconectados. A investigação revela desigualdades no acesso em função do território de moradia, classes sociais, idades, entre outros aspectos. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também revela interessantes dados sobre o acesso aos meios de comunicação em 2019. Jovens adultos entre 20 e 29 anos foram os que mais acessaram a rede. O uso é maior entre estudantes (88,1%) do que entre não estudantes (75,8%) e há marcas desiguais no acesso entre estudantes da rede privada (98,4%) em relação às/aos estudantes da rede pública (83,7%).

SEM INTERNET, ESTUDANTES DE FAVELAS SOFREM PARA SE PREPARAR PARA O ENEM.



Fonte: © Luiz Fernando Cazo, 2021.



### Focalizando imagens

Para acompanhar a pesquisa TIC Domicílios 2019 na íntegra acesse: <<https://cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

Para acessar os resultados da PNAD de acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação, veja: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

Além disso, é preciso refletir detidamente acerca das limitações que o acesso desmedido às tecnologias tem produzido às nossas existências. Isso tem sido pauta de nossas preocupações. Nos referimos aqui aos dilemas colocados pela desinformação, pelas fake news, pelas práticas de haters, pelo cyberbullying, pelo fechamento nas bolhas algorítmicas ou pelo vício incontrolável das telas. Tais questões são desafiadoras e exigem de nós investimentos de pesquisa e estudo. Mas exigem também a criação de práticas de escuta respeitosa das juventudes. É preciso *ver e ouvir*, atentamente, as produções juvenis. Procurar entender os significados produzidos para as práticas ciberculturais. O diálogo ainda tem se mostrado rico em possibilidades para a construção de alternativas capazes de contribuir para a construção de práticas equilibradas de uso das tecnologias. Essas questões remetem-nos à discussão sobre as práticas de socialização e sociabilidade *online* e sua articulação com questões que envolvem as famílias, as escolas, os afetos, e o trabalho.



### Focalizando imagens

Confira algumas produções que trazem importantes problematizações a respeito do uso intensivo do ciberespaço.

O dilema das redes. Jeff Orlowski, EUA, 2020. <<https://www.youtube.com/watch?v=uaaC57tcci0>>. Acesso em: 23 mar 2022.

Privacidade hackeada. Karim Amer, Jehane Noujaim, EUA, 2019. <<https://www.youtube.com/watch?v=wjXYCrXRWqc>>.

The hater (Rede de Ódio) Jan Komasa, Polônia, 2020. <<https://www.youtube.com/watch?v=LHYx5wMJubk>>. Acesso em 23 de mar. 2022.

Black Mirror. Série britânica, criada por Charlie Brooker. <<https://www.youtube.com/watch?v=M8qG0vS2zWM>>.

## A educação, a escola e o currículo

As juventudes estão também nas escolas e outros espaços educativos, vivenciando suas práticas curriculares e suas culturas. De outra parte, a cibercultura também ultrapassou os muros escolares e institucionais e tem invadido as cenas curriculares. Isso desafia cotidianamente os planejamentos dos cursos. Se, por um lado, é impossível deixar as tecnologias de fora das salas de aula,

por outro lado concorrer com seus atrativos parece igualmente inviável. Dito de outro modo, sendo as tecnologias constitutivas da existência juvenil e intensivamente presentes em suas práticas seria um equívoco tentar bani-las da escola, dos projetos educativos, desconsiderando suas marcas constitutivas dos sujeitos contemporâneos. No entanto, parece-nos igualmente problemático tentar dar uma aula com a turma toda prestando atenção no celular e conversando pelo WhatsApp, apenas para mencionar um exemplo. Qual seria então a solução? O equilíbrio sempre parece oferecer as melhores alternativas. Uma ideia interessante é problematizar junto com as/os jovens essas questões. Discutir com elas/es os efeitos do uso intensivo das tecnologias em nossas existências. Mas esse trabalho reflexivo deve ser feito de modo a promover uma escuta sensível e atenta aos argumentos das/os jovens.

Há, também, inúmeras iniciativas que tentam incorporar as tecnologias nos planejamentos curriculares, de modo a compor as práticas formativas nas escolas e em vários outros espaços educativos<sup>4</sup>. Mas isso traz inúmeros desafios, desde a aquisição e distribuição de equipamentos, softwares e rede de dados, até a formação continuada das/os formadoras/es para que tenham capacidade de elaborar e desenvolver tais projetos. Nesse conjun-

---

4. Alguns exemplos podem ser encontrados em: <<https://sae.digital/plano-de-aula-tecnologia/>>; <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>> e no <<https://porvir.org/>>.

to de necessários investimentos é preciso ainda atentar para os riscos de apenas transferir para o ciberespaço, uma concepção analógica das aulas e atividades educativas. Isso seria uma tentativa equivocada de transposição, sem a devida incorporação das novas lógicas ciber culturais, com suas especificidades. Assim, para se pensar na inclusão das tecnologias digitais nos currículos escolares e educativos é preciso analisar detidamente, de um lado, as características da cibercultura, sua temporalidade, linguagem, ritmo, sentidos, ferramentas etc.. De outro é preciso pensá-las a partir de nossos objetivos educativos, dos valores e princípios que orientam a formação humana de nossas/os jovens, finalidade maior do ato pedagógico. Acreditamos que esses são alguns desafios que precisam ser pensados ao se refletir sobre a presença das tecnologias digitais nas escolas e outros espaços formativos.



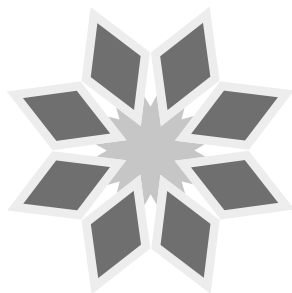
### Focalizando imagens

SALES, Shirlei R; LEAL, Rafaela. Práticas pedagógicas inovadoras na formação docente: ciborguização do currículo do curso de pedagogia. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2018, v. 4, n. 1, Jan./Abr., p. 7-24.

Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650710>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PEREIRA, Alexandre. Escritas dissonantes: escolarização, letramentos, novas tecnologias e práticas culturais juvenis. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 81-107, jul./dez. 2015.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0081.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2021



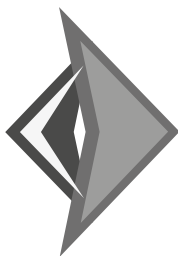
### **Juntando imagens e reflexos**

Nosso Caderno busca revelar a pluralidade de experiências de jovens, suas produções culturais *online*. Destacamos a importância dos grupos culturais juvenis, dos estilos musicais, das expressões artísticas, esportivas, simbólicas para a constituição de jovens sujeitos. Salientamos também que o universo *online* é domínio privilegiado da experiência contemporânea, principalmente juvenil.

As culturas juvenis e as experiências na internet, dependendo de como forem vividas, podem oportunizar a visibilidade de jovens criadoras/es, humanizadas/os, reflexivas/os, expressivas/os, inventivas/os, que questionam e denunciam, sujeitos capazes



de compartilhamento, de solidariedade e performances. Novos desafios para a ação educativa emergem nesse contexto e acreditamos que desvelar, conhecer e escutar as/os jovens é maneira potente de criar relações educativas respeitosas e que levam em conta as significativas culturas juvenis.



### **Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir**

Após a leitura deste Caderno, te convidamos a ampliar as reflexões e descobertas a respeito das culturas e das experiências online das/os jovens com as/os quais você convive. Assim, o convite é para que você realize observações multissituadas, ou seja, em seu espaço de trabalho e de convívio com jovens, nos lugares em que você e jovens circulam pela cidade, nas praças, ruas, mas, também na internet e redes sociais digitais.

Amplie seu olhar para as práticas culturais juvenis nos territórios e na internet e registre (por escrito, com fotos e filmagens, como quiser) onde e em que circunstâncias você percebeu expressões musicais, de dança,

grafites, saraus, *slams*, de ativismo político, em seu contexto. Tente olhar essas práticas de modo curioso, interrogando seus múltiplos sentidos, desnaturalizando e colocando em suspenso suas concepções prévias, desvencilhando-se de estereótipos e imagens anteriores a estes seus momentos de observação. Desconfie de suas ideias e conhecimentos anteriores sobre as juventudes, questione-os, problematize-os, como se estivesse desaprendendo. Tensione as formas como você analisa, julga e classifica as/os jovens. Pense em novas possibilidades de compreender as práticas juvenis que você observa. Que sentidos podem ser produzidos pela juventude contemporânea para as suas vivências culturais? Não deixe de anotar suas observações e impressões. A escrita atua ativamente na sistematização de nossas aprendizagens. Ao escrever vamos construindo caminhos explicativos e também soluções para eventuais dilemas.

Será que essas performances estão também visíveis na internet? Navegue pelas redes sociais digitais e faça buscas com expressões (palavras-chave) que podem favorecer o achado de registros *online*. Anote suas percepções e descobertas sobre as culturas juvenis e o uso das tecnologias digitais entre os sujeitos. Sugerimos, ainda, registros por capturas de tela, fotos e vídeos. Escreva também suas percepções e descobertas. Esses registros não precisam ser muito

formais, mas devem sistematizar e traduzir tudo que você experimentar durante os exercícios propostos. Se você é educador/a, é muito provável que o espaço em que você trabalha tenha algum grupo no Facebook ou WhatsApp, vídeos no YouTube e outros registros online. Você já ouviu as/os jovens dizendo algo a respeito? Costuma se comunicar com elas/es a partir dos mais variados aplicativos de comunicação **online**? Como isso acontece? Que efeitos você observa? Como você se sente?

Outra possibilidade de realizar descobertas sobre as culturas e experiências **online** de jovens pode ser alcançada a partir de exercício com as/os jovens. Que tal convidá-las/os para realizarem um pequeno diário, durante uma semana, sobre suas atividades cotidianas? Peça para que elas/es realizem pequenos vídeos sobre as expressões culturais que curtem ou suas experiências no ciberespaço. Esse material pode ser usado para uma roda de conversa com os sujeitos. Sugerimos que você organize um espaço para essa atividade, praticando uma escuta sensível, atenta e respeitosa. Além do uso dos materiais produzidos pelas/os jovens, você pode iniciar o diálogo realizando questões como: *Vocês participam de grupos culturais? Vocês produzem música, escrevem poesia, gostam de dançar? Vocês também fazem essas práticas na internet? O que vocês gostam de fazer na internet?* Na roda de conversa você poderá alcançar descobertas,

revelar experiências e gostos dos sujeitos jovens e assim, confirmar ou refutar impressões, hipóteses e olhares iniciais sobre a temática. Mas, para alcançar esses objetivos, você vai precisar exercitar uma atenção plena, envolver-se efetivamente na observação criteriosa do que é dito, das expressões utilizadas, das emoções provocadas, dos sentidos compartilhados. Nessa roda de conversa você também deve se despir de preconceitos e tentar ouvir cuidadosamente as/os jovens, em uma escuta respeitosa e sensível. Depois desse exercício, reserve alguns momentos para registrar suas observações, escutas, olhares e descobertas. Escreva sobre tudo o que lhe surpreendeu. Anote as possibilidades de explicações que você vislumbra. Sistematize o que foi possível aprender e, mesmo, desaprender.

Depois dessas experiências, com base em seus registros, crie outras atividades e práticas em que você possa interagir com as/os jovens e atuar em sua formação. Ouse, arrisque, invente e, depois, compartilhe conosco ;-)

## Referências

DAYRELL, Juarez. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (Org.). *Juventude e ensino médio*: sujeitos e currículos em diálogo. 1ªed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Por uma pedagogia das juventudes*: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: uma nova plataforma de vida. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.). *Cabeças digitais*: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2006.

REIS, Juliana Batista. *Transversalidade nos modos de socialização e individuação*: experiências juvenis em rede. 2014. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014.

SALES, Shirlei; REIS, Juliana. Em conexão: jovens e tecnologia. *Presença Pedagógica*, v. 17, p. 36-41, 2011.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana, enigmas e revelações*. São Paulo, Cortez, 2003.

SPOSITO, Marília. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social. Revista Sociologia da USP*. São Paulo, v. 5. n. 1 e 2, p. 161-178, 1993.

WELLER, Wivian. *Minha voz é tudo o que eu tenho*: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.







OBSERVATÓRIO DA  
JUVENTUDE DA UFMG

FaE  
*Faculdade de Educação*

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS